



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS - EJA**

DÉBORA MARIA PROENÇA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO
POLULAR NO PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO EM LONDRINA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Londrina

2014

DÉBORA MARIA PROENÇA

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO
POLULAR NO PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO EM LONDRINA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Monografia Apresentada ao apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - EJA da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof^ª Mestra Letícia Jovelina Storto.

LONDRINA
2013
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS –EJA

TERMO DE APROVAÇÃO

Titulo da Monografia n°

**PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO
POLULAR NO PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO EM LONDRINA**

por

Débora Maria Proença

Esta monografia foi apresentada ás _____do dia ____ de _____ do ano de 2014 como requisito parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS EM ADULTOS, Programa de Pós-Graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho _____ .
(aprovado, aprovado com restrições , ou reprovado)

Profª Cláudia Barbeta

Profª Letícia Jovelina Storto

Profª Alessandra Dutra

Visto da coordenação

Profª Drª Alessandra Dutra
Coordenadora do PPGEN

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho às pessoas adultas que no decorrer de suas histórias alimentaram sonhos de escrever seus nomes, de forjar de suas mãos a magia da palavra concreta no papel, de entender o sentido e significado da escrita do mundo.

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus, por sempre estar presente em minha vida, não apenas nos momentos felizes, mas principalmente nos mais difíceis.

À minha família pelo apoio, incentivo, paciência, carinho que me foram dados no decorrer do curso.

Aos meus pais (in memoriam) que sempre motivaram seus filhos e filhas em estudar.

À professora Letícia Jovelina Storto pela orientação durante a realização desse trabalho.

Aos meus professores da Especialização em Educação de Jovem e Adultos da UTF/PR - Londrina, pela contribuição à minha formação.

À professora coordenadora Alessandra Dutra pela paciência, compromisso e dedicação.

À professora Sandra que gentilmente permitiu acesso à sua turma de Alfabetização no Programa Paraná Alfabetizado.

Aos alunos e alunas que contribuíram com a pesquisa, pelo agradável convívio, amizade e colaboração.

À Coordenação do Programa Paraná Alfabetizado do Núcleo Regional de Educação em Londrina pelas informações dadas.

A todas as pessoas jovens e adultas que estão descobrindo as letras, as palavras, o mundo através da leitura e letramentos.

Muito obrigada a todos e todas!

A autora

"Educar é educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isso sabem algo e podem assim chegar a saber mais em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais."

Paulo Freire

RESUMO

PROENÇA, Débora Maria. PRÁTICAS DE LETRAMENTOS EM UMA TURMA DO PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO EM LONDRINA: um estudo de caso. 2014. 48 f. Monografia.

O Paraná assumiu junto com o governo Federal o compromisso de universalizar o ensino fundamental, promovendo apoio a ações de alfabetização de jovens com 15 anos ou mais, adultos/as e idosos/as, através do Programa Paraná Alfabetizado (PPA). A SEED- Secretaria de Educação do Estado promove e incentiva a formação de turmas de Alfabetização de jovens e adultos/as, através de edital público que estabelece orientações, critérios e procedimentos para contratação de alfabetizadores/as e constituição dessas turmas. A pesquisa, procura investigar as práticas de letramento desenvolvidas em uma turma de alfabetização do Programa Paraná Alfabetizado (PPA), a partir das práticas pedagógicas da alfabetizadora no processo de alfabetização.

Palavras-Chave: Programa Paraná Alfabetizado, alfabetização, alfabetizadoras, letramento.

ABSTRACT

PROENÇA, Débora Maria. LITERACY PRACTICES DEVELOP IN A CLASSROOM LITERACY AT THE PARANA LITERACY PROGRAM: a case study. 2013. 60 f. Monografia.

Paraná state has agreed to the Federal government on the commitment of universalizing the elementary education, providing support to the actions in order to support the literacy of teenagers at 15 and older, adults and elderly likewise, through the Paraná Literacy Program (PPA). The SEED- the Education bureau of the state of Paraná promotes and encourages the literacy of groups of youths and adults/ through a public notice, which sets guidelines, criteria and procedures for hiring literacy tutors/ and for getting new groups in class. The research, investigates the literacy practices developed in a classroom literacy at the Parana literacy program (PPA) from the practices of the tutor at the literacy process.

Keywords: Paraná Literacy Program, literacy, literacy teachers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	13
2.2 O PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO - PPA	15
2.3 A PROFESSORA/ALFABETIZADORA DO PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO - PPA	17
3 O LETRAMENTO E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS	21
3.1 AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM UMA TURMA DO PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO	24
3.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DE LETRAMENTO NATURMA DO PROGRAMA PARANÁ ALFABETIZADO	29
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	32
5. ANÁLISE DOS DADOS	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	45
ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

*“O homem vê, ouve, apalpa, saboreia
e cheira aquilo que precisa ver, ouvir, apalpar,
saborear ou cheirar para conservar a vida.”*
Unamuno

A formação escolar ganhou, nos dias de hoje, maior relevância social, pois a sociedade contemporânea evolui de forma intensa e rápida exigindo das pessoas um aumento de conhecimentos e informações. Além disso, o progresso nas diferentes áreas do conhecimento impõe cada vez mais uma escolarização com formação técnica, superior e especializada. A educação institucional/escolarizada, passa a ser uma exigência social, pois o mundo está em constante processo de construção e os saberes multiplicam-se impondo, para maioria das pessoas, uma busca constante por uma formação escolar e continuada não só por melhores oportunidades de trabalho, mas também como uma forma de inserção no sistema escolar formal e de inclusão social.

O mundo apresenta em suas diversas produções socioculturais constituídas na e pela linguagem ideologias, experiências, conhecimentos e percepções comunicativas. Isso tudo exige uma compreensão de leituras e letramentos, pois “ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo” (SILVA, 1984, p.45).

A busca pela escolarização após um logo tempo fora da escola ou até mesmo quando nunca se frequentou uma, por pessoas jovens e adultas, demonstra a necessidade e/ou o desejo de alguma forma querer participar da sociedade letrada, querer aprender a ler/escrever, participar das esferas sociais sem o constrangimento de não saber ler nem escrever seu próprio nome. A leitura e o letramento são elementos importantes da ação escolar, a necessidade de aprimorar o conhecimento da linguagem de forma sistematizada contribui para a interação do/a aluno/a adulto/a¹ e jovem nos diversos contextos sociais, exigindo dele/a uma formação escolar continuada. Em sua maioria, acabam recorrendo à modalidade de educação e alfabetização em EJA - Educação de Jovens e Adultos, ofertada pelas secretarias de educação municipal e/ou estadual.

1 . Em determinadas marcas do texto, usarei a anotação o/a, como marca identificadora de estilo de linguagem que manifesta meu posicionamento político de defesa de igualdade do gênero feminino na linguagem em relação à sobreposição histórica do gênero masculino. Não empregarei em todas as situações possíveis, como gostaria, porque o uso apenas pontual favorece o princípio de “limpeza” do texto, defendido por estudiosos da leitura e produção textual, e porque muitos integrantes da comunidade acadêmica não assimilaram esse uso que já se disseminou nos textos produzidos em diversos ambientes sociais - por exemplo, a administração pública, mas que ainda apresenta resistência no meio universitário.

Um dos grandes desafios da EJA no processo de escolarização, durante muito tempo, foi apenas a preocupação nas classes de alfabetização, desvinculando a leitura e letramento das práticas sociais e da interpretação que o aluno faz do mundo. A comunicação e sua inserção nas atividades humanas tem seu respaldo na linguagem. O aluno jovem e adulto vai à escola com o domínio da linguagem, pois é um instrumento nato, entretanto esta linguagem oral e escrita precisa ser melhor elaborada para atender às necessidades impostas em leitura e letramento para a compreensão das práticas sociais e nas várias formas de comunicação.

Ter a oportunidade de estudar na EJA é uma forma de valorizar os saberes e a cultura de jovens e adultos que têm na educação institucional a esperança de realizar sonhos. A possibilidade de escolarização por meio de um programa de alfabetização oportuniza a formação institucional, mesmo que em espaço popular, mas com possibilidades de frequentar a escola regular. A escolarização envolve o processo de aquisição da escrita e da leitura que ocorre na escola e por ela se dá. O letramento, considera o desenvolvimento para além dessa aprendizagem básica, das habilidades, conhecimentos e atitudes necessários ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, em atividades com diferentes objetivos.” (SOARES, 2004.p.89).

A presente pesquisa justifica-se pela relevância do tema, pois o processo de ensino e aprendizagem para alfabetização de jovens e adultos permeia o estado e/ou condição da apropriação do conhecimento pelo educando adulto por meio de atividades de leituras e letramentos, especialmente em um programa de alfabetização em espaço popular. Para redimensionar essas aprendizagens, jovens e adultos buscam uma forma de aprimorar o conhecimento da linguagem, da leitura, da escrita. Necessitam da interação dessas linguagens, pois as utilizam cotidianamente nos espaços de trabalho, na comunidade onde moram, nas relações familiares, de trabalho e outros.

Dessa forma, as práticas de leituras e letramentos são mais que práticas sociais, são representações da vida, das emoções e sentimentos que permeiam não apenas as relações em diversos espaços de socialização, como também perpassam pelo âmbito da educação escolarizada. Nesse caso, é necessário que as pessoas compreendam os discursos presentes no cotidiano social veiculado pelos mais diversos meios de comunicação e consigam entender o caráter ideológico presente em cada texto.

Nessa perspectiva, e diante do mundo atual, em que a condição contemporânea evidencia a valorização exacerbada da informação, e, portanto, acarreta novas formas de organização do trabalho, das relações sociais e políticas, é importante a articulação com o que acontece no mundo com fatos da realidade de cada aluno e a valorização das diversidades nos

diferentes contextos.

Diante dessas considerações os objetivos dessa pesquisa são investigar as práticas de letramento de uma turma de alfabetização do Programa Paraná Alfabetizado, na cidade de Londrina, a partir das práticas pedagógicas da alfabetizadora. O estudo propõe, também, a análise de materiais didáticos selecionados para as aulas, além de relacionar a formação e a prática pedagógica da professora, identificando as dificuldades e desafios presentes no cotidiano de uma turma de alfabetização popular. Procurou-se elencar as principais fontes de consulta e/ou de respaldo teórico destacadas pela alfabetizadora para embasar sua atuação profissional, assim como verificar de que forma o conjunto das práticas pedagógicas promove o letramento nas práticas sociais de uso da escrita e leitura.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação de Jovens e Adultos - EJA e o processo de alfabetização

A educação de jovens e adultos no Brasil, perpassa o período colonial, pelos jesuítas que intencionavam apenas a catequização, ou seja, uma educação de caráter muito mais religioso do que formativo. No Brasil Império, começaram a acontecer algumas reformas educacionais que preconizavam a necessidade do ensino noturno para adultos analfabetos e durante muito tempo, as escolas noturnas eram a única forma de educação de adultos praticada no país.

Durante muito tempo, as escolas noturnas eram a única forma de educação de adultos praticada no país. Segundo CUNHA (1999), com o desenvolvimento industrial, no início do século XX, inicia-se um processo lento, mas crescente, de valorização da educação de adultos:

(...) essa preocupação trazia pontos de vista diferentes em relação à educação de adultos, quais sejam: a valorização do domínio da língua falada e escrita, visando o domínio das técnicas de produção; a aquisição da leitura e da escrita como instrumento da ascensão social; a alfabetização de adultos vista como meio de progresso do país; a valorização da alfabetização de adultos para ampliação da base de votos. (CUNHA, 1999, p. 16).

A partir de 1940, começou-se a detectar altos índices de analfabetismo no país, o que acarretou a decisão do governo no sentido de criar um fundo destinado à alfabetização da população adulta analfabeta. Em 1945, com o final da ditadura de Vargas, iniciou-se um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos no país. Com a criação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), ocorreu, então, por parte desta, a solicitação aos países integrantes (e entre eles, o Brasil) de se educar os adultos analfabetos.

Por ocasião dessa 1ª Campanha de Educação de Adultos, a Associação de Professores do Ensino Noturno e o Departamento de Educação preparavam o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos. Para este evento o Ministério convocou dois representantes de cada Estado para participarem do Congresso: SEA- Serviço de Educação de Adultos do MEC que, a partir daí, elaborou e enviou para discussões aos SEAs Estaduais, um conjunto de publicações sobre o tema.

As concepções presentes nessas publicações primavam, conforme SOARES, (1996, p.88):

o investimento na educação como solução para problemas da sociedade; o alfabetizador identificado como missionário; o analfabeto visto como causa da pobreza; o ensino de adultos como tarefa fácil; a não necessidade de formação específica; a não necessidade de remuneração, devido à valorização do “voluntariado” .

Iniciou-se, então o processo de mobilização nacional para discutir a educação de jovens e adultos , mesmo com o pouco sucesso da 1ª Campanha , conseguiu-se avançar nas discussões considerando que ainda tinha-se a visão preconceituosa dos adultos analfabetos. Diversas pesquisas sobre a educação de adultos foram desenvolvidas e algumas teorias da psicologia, gradativamente, desmentiam a ideia de incapacidade de aprendizagem designada ao educando adulto.

O método de alfabetização adotado para a população adulta nessa 1ª Campanha de Educação de Adultos , à medida que expandiu-se ganhou muitas críticas a sua execução, pois ofereciam condições precárias de funcionamento das aulas, tinha baixa frequência e aproveitamento dos alunos, uma má remuneração e desqualificação dos professores, a inadequação do programa e do material didático à clientela e a superficialidade do aprendizado, pelo curto período designado para tal. Deu-se, então, o declínio da 1ª Campanha, devido aos resultados insatisfatórios (SOARES, 1996).

Ao final da década de 50 e início da década de 60, iniciou-se, então, uma intensa mobilização da sociedade civil em torno das reformas de base, o que contribuiu para a mudança das iniciativas públicas de educação de adultos. Uma nova visão sobre o problema do analfabetismo foi surgindo, junto à consolidação de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos, que tinha como principal referência Paulo Freire. Surgiu um novo paradigma pedagógico – um novo entendimento da relação entre a problemática educacional e a problemática social. “O analfabetismo, que antes era apontado como causa da pobreza e da marginalização, passou a ser, então, interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária”. (SOARES, 1996, p. 17).

Na percepção de Freire , educação e alfabetização se confundem. Alfabetização é o domínio de técnicas para escrever e ler em termos conscientes e resulta numa postura atuante do homem sobre seu contexto. As ideias de Paulo Freire se expandiram no país até ser reconhecido nacionalmente por seu trabalho com a educação popular e, mais especificamente, com a educação de adultos. Em 1963, o Governo encerrou a 1ª Campanha encarregando Freire de organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos. Porém, em 1964, com o Golpe Militar, deu-se uma ruptura nesse trabalho de alfabetização, já que a conscientização proposta por Freire passou a ser vista como ameaça à ordem instalada.

De acordo com SOARES (2004), os Fóruns são movimentos que articulam instituições, socializam iniciativas e intervêm na elaboração de políticas e ações da área de EJA.

Estes ocorrem num movimento nacional, com o objetivo de interlocução com organismos governamentais para intervir na elaboração de políticas públicas. Ao longo da história da educação de jovens e adultos no Brasil, as experiências já acumuladas neste campo nos permite vislumbrar ações públicas que conquistaram direito para o público adulto, entretanto a concretização depende das lutas políticas e pedagógicas, comprometidas com a consolidação e ampliação dos direitos sociais, civis, educacionais dos/as alunos/as trabalhadores/as da EJA.

2.2 O programa Paraná Alfabetizado - PPA

A educação escolar de jovens e adultos no Brasil, ao longo de sua história registra uma luta muito árdua dos movimentos populares para assegurar políticas públicas de acesso e continuidade à escolarização básica. Essas políticas têm nas últimas décadas avançado nas questões sociais, principalmente no que tange à escolarização de jovens e adultos, na intenção de diminuir os índices de analfabetismo no país.

Nessa perspectiva, as políticas públicas educacionais passam a assegurar a articulação efetiva entre as iniciativas de alfabetização com continuidade dos estudos, ampliando a oferta de educação básica para jovens e adultos, além disso, o Ministério da Educação (MEC), por meio do Programas Brasil Alfabetizado (PBA) almeja contribuir para a universalização do ensino fundamental promovendo apoio a ações de alfabetização de jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos, nos Estados, Distrito Federal e Municípios (BRASIL, 2003, p.25):

O Programa é uma porta de acesso à cidadania e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a 1.928 municípios que apresentam taxa de analfabetismo igual ou superior a 25%. Desse total, 90% localizam-se na região Nordeste. Esses municípios recebem apoio técnico na implementação das ações do programa, visando garantir a continuidade dos estudos aos alfabetizandos. Podem aderir ao programa, por meio das resoluções específicas no Diário Oficial da União, estados, municípios e o Distrito Federal. (BRASIL, 2003, p.25)

Destaca-se nesse cenário o Estado do Paraná ao implantar o Programa Paraná Alfabetizado (PPA), uma ação do Governo Estadual, coordenado pela Secretaria de Estado da Educação, em parceria com o MEC/SECAD/Programa Brasil Alfabetizado. Desde seu início, o PPA já atendeu mais de 400 mil pessoas adultas e idosas e jovens a partir de 15 anos. O PPA tem como objetivo garantir a alfabetização para aqueles que ainda não têm o domínio

da leitura e escrita, bem como ampliar as oportunidades educacionais àqueles que não tiveram acesso ou permanência na Educação Básica. (PARANÁ, 2004)

A organização das turmas no PPA acontece a partir do cadastramento das pessoas não alfabetizadas pelo alfabetizador. O alfabetizador é classificado, a partir de edital público da Secretaria Estadual de Educação- SEED , e tem como função primordial localizar, identificar, mobilizar e cadastrar os jovens, adultos e idosos não alfabetizados para ingresso e constituição de turmas de alfabetização. Conforme Edital, a organização das turmas ocorre em áreas rurais com no mínimo 07 (sete) e no máximo 25 (vinte e cinco) alfabetizandos; nas áreas urbanas, turmas de alfabetização com no mínimo 14 (quatorze) e no máximo 25 (vinte e cinco) alfabetizandos. (PARANÁ, 2004, p.6.)

O desenvolvimento das aulas pode acontecer em salas de aulas das escolas que aderiram ao Programa (estadual ou municipal), também em salas de igrejas, centros comunitários ou outros espaços alternativos onde há condições de atender aos alunos. O acompanhamento pedagógico dos/as alfabetizadores/as acontece com professores/as do quadro próprio do magistério da SEED- Secretaria Estadual de Educação, denominados coordenadores/as. A escolha dos/as coordenadores/as é feita através de um Edital, que estabelece orientações, critérios e procedimentos destinados à realização do processo que atuarão junto às turmas e aos alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado/Paraná Alfabetizado. Ainda, de acordo com o documento, o “Alfabetizador Voluntário” deve participar de reuniões pedagógicas e eventos de formação continuada durante o período de alfabetização, recebendo orientações de coordenadores do PPA.

Das atribuições aferidas ao alfabetizador, exige-se a formação de nível médio completo ou habilitação em magistério com experiência anterior em educação, preferencialmente, em educação de jovens e adultos, denominados de “alfabetizador voluntário”. Segue, de acordo com o documento, as atribuições do “alfabetizador voluntário”:

1.2 As atividades de Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos, a partir do presente processo de classificação, serão desenvolvidas por adesão ao Programa Brasil Alfabetizado/Paraná Alfabetizado na forma de trabalho voluntário, por um período de 08 (oito) meses, cumprindo carga horária mínima de 320 (trezentas e vinte) horas, [...].

1.3.8 acompanhar e registrar mensalmente o desempenho de cada alfabetizando por meio de atividades avaliativas. Essas atividades de avaliação deverão ser datadas, arquivadas em portfólios e preservadas, por exigência do MEC;

1.3.22 participar junto à coordenação de turmas, de reuniões pedagógicas - totalizando 64 (sessenta e quatro) horas durante os 08 (oito) meses de alfabetização - para estudo, avaliação das ações desenvolvidas e aprimoramento da prática pedagógica no processo de alfabetização de jovens adultos e idosos;

1.3.23 participar dos eventos de Formação Inicial e Continuada, totalizando 40 (quarenta) horas, ofertadas pela SEED aos Alfabetizadores e Coordenadores, conforme consta no Termo de Compromisso.

O histórico das discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos demonstra que educadores desenvolveram conceitos, estratégias, políticas públicas, diretrizes de ação a partir do contexto histórico e social. Estes aspectos implicam pensar nas estratégias de ensino-aprendizagem e práticas educativas como ações políticas que respeitem os direitos dos jovens e adultos que retornam às escolas, utilizem metodologias adequadas às realidades dos alunos, além de valorizar suas histórias de vida.

O Programa Paraná Alfabetizado, representa um avanço nas políticas públicas para alfabetização de jovens e adultos no processo de inclusão social, mesmo assim é preciso analisar as estratégias utilizadas na metodologia do Programa, não basta apenas criar ações políticas que oportunizem a “escolarização” é necessário reflexões por parte do Estado quanto as ações que norteiam a implementação de práticas curriculares para alfabetização de jovens e adultos em espaço não-formal.

2.3 A professora/alfabetizadora do Programa Paraná Alfabetizado - PPA

A professora alfabetizadora tem 42 anos, fez o curso de técnica em enfermagem e pedagogia, trabalha no posto de saúde do bairro, conheceu o Programa Paraná Alfabetizado através de uma professora coordenadora que foi ao seu local de trabalho divulgar as inscrições do programa. Na oportunidade informou-se sobre o funcionamento e acabou recebendo o convite para ser uma alfabetizadora. No primeiro instante achou difícil, pois a responsabilidade de cadastrar as pessoas, ter um local para as aulas, formar turma é da alfabetizadora, mas acabou convencida pela professora coordenadora porque trabalhava no posto e teria facilidade em cadastrar as pessoas interessadas.

Antes de tomar a decisão final, interou-se do Programa, interou-se das condições e responsabilidades que implicam abrir uma turma de alfabetização em espaço não-formal contidas em edital público da SEED-PR. O que chamou sua atenção no documento foi o valor da bolsa-auxílio oferecida para as pessoas interessadas em formar turmas: trezentos e cinquenta reais (R\$350,00) por 10 horas semanais de aulas. Achou o valor baixo, no primeiro instante, mas acabou convencida que seria uma oportunidade de colocar em prática sua formação como pedagoga, embora nunca tivesse trabalhado antes em nenhuma modalidade educacional.

Apesar de ser formada em pedagogia, pouco conhece sobre EJA - Educação de Jovens e Adultos e políticas públicas como o Programa Paraná Alfabetizado, por isso procurou a professora coordenadora, que deu-lhe as informações mais relevantes para composição da turma do PPA, além de receber orientações sobre o uso dos materiais didáticos como o livro didático adotado pelo programa, o alfabeto móvel e textos teóricos de alfabetização de adultos. Na ocasião recebeu o LD, algumas orientações para o início das aulas e marcaram as datas para as orientações pedagógicas. Mesmo sem experiência em sala de aula, muito menos com turmas de alfabetização de adultos, sobretudo em programas de alfabetização em espaço não-formal, começou a interar-se de seu funcionamento através de leituras e orientação recebidas pelo NRE- Núcleo Regional de Educação de Londrina.

Desde o seu primeiro contato com a coordenação do PPA, a professora-alfabetizadora conheceu a história da EJA e as ações políticas de seu maior idealizador Paulo Freire para que a educação de jovens e adultos chegasse as propostas que existe hoje nas secretarias de educação do país. Sabe também que ainda é necessário avanços no que tange as propostas pedagógicas para essa modalidade de ensino.

No preparo de suas atividades pedagógicas, a professora-alfabetizadora pauta-se nas leituras das Diretrizes Curriculares da EJA do Estado do Paraná (2006), textos de pesquisadores como Arroyo (2004), Freire (1996), Brandão (2009) além das informações de documentos oficiais do Ministério da Educação - MEC. Ampliou seu conhecimento sobre a EJA, entendendo processos formativos de natureza diversa, cuja efetivação se dá a partir da interação dos Estado, sociedade civil, setor privado e sujeitos da diversidade.

Aprendeu que a educação escolar, sobretudo o modelo de educação em espaço não formal para jovens e adultos, exige um olhar diferenciado daquela/e que se propõe a trabalhar na educação desse público, principalmente quando a ação de educar é mais que transmitir conteúdos e conhecimentos: é compreender as dificuldades diárias e constantes na vida de cada aluna/o; é conhecer a especificidade dessa modalidade de ensino; é saber que são pessoas trabalhadoras em ocupações urbanas pouco qualificadas com histórias de insucesso no pouco tempo que ficaram na escola, que tem histórico familiar de poucos contatos com a leitura/escrita, mas com práticas sociais de letramento “integrados na sociedade contemporânea urbana, escolarizada, industrializada, burocratizada, marcada pelo conhecimento científico e tecnológico e pela forte presença dos meios de comunicação de massa.” (OLIVEIRA, 2012, p.147)

A professor-alfabetizadora reconhece que tem necessidade em aprender mais sobre essa modalidade de ensino, que suas aulas são direcionadas para um público que, em sua trajetória escolar, vivenciou experiências de fracasso, discriminação e exclusão dos espaços

de formação institucional. Sabe, também, que para atuar na educação/alfabetização de um grupo tão heterogêneo como é essa turma do PPA na cidade de Londrina necessita conhecer a história de vida dos alunos, acreditar na potencialidade de cada um, estimular constantemente a busca pela superação das dificuldades não apenas de aprendizagem, mas também sociais, motivando para o trabalho e crescimento profissional. Tem consciência que a sua condução nas aulas pode influenciar na frequência e/ou continuidade dos estudos, por isso incentiva a turma a frequentar as aulas.

A professora-alfabetizadora dedica-se a desenvolver práticas pedagógicas que levam aos alunos a escrita e a leitura, pois é esse o principal objetivo da turma, dedicando-se, muitas vezes, a prática de escrita em detrimento do letramento, embora as orientações do LD estimulem práticas de letramento em suas atividades. Justifica sua preocupação com a escrita porque “acredita” que no processo ensino-aprendizagem, aprender escrever antecede a leitura, desconhece, pela inexperiência a importância do letramento. Nesse sentido, Pinto (2003) advoga que:

É evidente que se necessita aprender os elementos básicos do saber letrado, as primeiras letras, a escrita, os rudimentos da matemática, mas este saber, ainda que fundamental e indispensável, só vale por seu significado instrumental, por aquilo que possibilita ao educando chegar a saber. É o saber para chegar a saber, para o mais saber. (PINTO, 2003, p.85)

A professora-alfabetizadora tem consciência da necessidade e prioridade de práticas pedagógicas que possibilite a inserção dos/as educandos/as num mundo, cada vez mais exigente, de pessoas alfabetizadas e capacitadas para a realidade sócio-cultural em que vivemos. Acredito que a professora-alfabetizadora chegará a consciência que as aulas devem propiciar não apenas a alfabetização, mas também o letramento “do contrário, a simples alfabetização é um jogo sem finalidade, um luxo social que não recompensa a comunidade dos elevados custos que apresenta.” (PINTO, 2003, p.85)

Ela sabe que sua atuação como alfabetizadora, vai além do simples ato de dar aulas, que as práticas de leitura/escrita para um público tão específico como é a alfabetização da turma do PPA é uma conquista não apenas para o avanço escolar, mas para a vida e as práticas sociais que usa a leitura e a escrita como fontes de comunicação social e contribui para a inserção do indivíduo na sociedade da contemporaneidade:

O importante é compreender que o analfabeto adulto atual, ao qual nos dirigimos, vive numa sociedade letrada e por isso suas exigências culturais implícitas são as da língua alfabética, que é a do seu meio. Basta, portanto, retirá-lo das condições inferiores de existência em que vive e fazê-lo compreender sua realidade para que imediatamente incorpore o saber letrado como elemento natural da consciência crítica que começa a produzir para si. (PINTO, 2003, p.100)

É importante, também, que haja um equilíbrio no desempenho dos papéis docente e discente objetivando a interação de atitudes com relação a aprendizagem, pois a leitura e letramento associados a linguagens verbal e não-verbal propiciam conhecimentos de situações a partir da percepção, imaginação e capacidade linguística. Além disso, as atividades que maximizam o aprendizado de leitura e letramento são aquelas que englobam o ser humano plenamente abarcando suas emoções, respeitando a sua forma de se expressar, sua linguagem e cultura propiciando seu progresso pessoal. Nesse contexto, os programas e políticas públicas direcionados à EJA precisam considerar as demandas e potencialidades desses sujeitos, na elaboração das propostas e projetos pedagógicos respeitando o aluno jovem, adulto, idoso e deficiente em suas necessidades com conteúdos que façam sentido, tenham significado, sejam elementos concretos na formação, instrumentalizando para uma intervenção significativa na sua realidade.

3 O LETRAMENTO E SUAS PRÁTICAS SOCIAIS

“Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.”

Paulo Freire

A linguagem e as práticas discursivas são elementos presentes nas relações sociais em seus vários contextos. As transformações e mudanças mundiais dão novos sentidos e significados às palavras, impondo múltiplas formas de apresentação e expressão designando práticas específicas de uso da língua escrita. Nesse campo tão profícuo, surge reflexões sobre a escrita e suas práticas sociais de leitura; a escrita implica um processo de aquisição do domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever. (SOARES 2004, p.89).

Dessa forma, as práticas de leituras e letramento são mais que práticas sociais, são representações da vida, das emoções e sentimentos que permeiam não apenas as relações em diversos espaços de socialização, como também perpassam pelo âmbito da educação escolarizada.

Mortatti, 2004, p.98, afirma:

Letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas, ou, mais especificamente, grafocêntricas, isto é, sociedades organizadas em torno de um sistema de escrita e em que esta, sobretudo por meio do texto escrito e impresso, assume importância central na vida das pessoas e em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Praticamente, em todas as situações do dia a dia, há a presença da escrita e conseqüentemente da leitura. Vivemos em uma sociedade tão complexa, que já não é mais possível suprir nossas necessidades de interação e comunicação apenas pela fala, precisamos nos expressar através da escrita, seja no formato físico, no papel como em cadernos, bilhetes, cartas, livros, revistas jornais, etc. ou no formato virtual, com a internet: e-mail, face, blog, entre outros.

O termo letramento com seu uso mais atual é encontrado na língua inglesa – literacy – que etimologicamente vem do latim littera significando letra, adicionando o sufixo - cy, que seria o sufixo - mento em português que “denota qualidade, condição, estado, fato de ser” (Webster’s Dictionary apud SOARES, 2009, p.17):

Letramento, em português, é o estado ou condição que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto das mudanças de âmbito social, cultural, político, econômico, cognitivo e linguístico alcançado através da escrita quando este ou aquele aprende a usá-la socialmente. O adjetivo literate é o que caracteriza o indivíduo que faz uso social da leitura e da escrita, ou seja, ele é letrado. (SOARES, 2009, p.18)

Nesse sentido, cumpre observar que as práticas de leitura e letramento na sociedade contemporânea mudaram suas características sociais, pois “os usos da língua escrita foram mudando na família, no trabalho, nas relações comerciais, na ciência, ao longo da história, também mudou, na escola a concepção do que seria “ser alfabetizado”, e do que é necessário para saber poder usar a escrita ao longo da vida.” (KLEIMAN, 2005, p.21)

De modo geral, a leitura e o letramento perpassam pelas mudanças sociais e pelo modo que as pessoas se comunicam, seja em qualquer relação social ou em processos de aprendizagem. Deve-se observar, entretanto, que as práticas de letramento em espaços de escolarização são, em sua maioria, direcionadas pelo/a professor/a e variam segundo a situação em que se realizam as atividades de uso da língua escrita e de leitura. O fenômeno do letramento extrapola, o mundo da escrita como as instituições o concebem, diante da responsabilidade de introduzir os sujeitos nesse contexto. A escola é uma importante agência de letramento, preocupa-se com ele, porém falta-lhe a prática social; na sua maioria, enfatiza apenas um tipo de prática de letramento: “a alfabetização como processo de domínio de códigos (alfabeto e numérico). Esse processo é geralmente concebido em termos de sua relação direta com uma competência individual, imprescindível ao êxito e à promoção no contexto escolar.” (SOARES, 2004, p.94).

Ainda sobre práticas de letramento, Kleiman (2005, p.25) esclarece que fora da escola, o letramento varia de acordo com a situação em que se realizam as atividades de uso da língua escrita. “Há uma tendência humana para contextualizar a ação, e as atividades em que se usa a escrita não fogem dessa tendência.” Para a autora, essas práticas denominam-se práticas situadas: “Refere-se ao entrosamento ou à sobreposição parcial existente entre a prática social e a situação; podemos atribuir isso a uma capacidade básica do ser humano de contextualizar os saberes e a experiência.”

O termo letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e o seu lugar, as suas funções, os seus usos e as suas práticas nas sociedades letradas, que estão organizados em torno de um sistema de escrita e nas quais este assume importância central na vida das pessoas, em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem. Além disso, torna-se letrado o indivíduo ou grupo que desenvolve as habilidades não somente de ler e de escrever, mas sim, de utilizar leitura e escrita na sociedade, ou seja, para Soares (2009, p.39), somente a alfabetização não garante a formação de sujeitos letrados. Para a promoção do

letramento, é necessário que esses sujeitos tenham oportunidades de vivenciar situações que envolvam a escrita e a leitura e que possam se inserir em um mundo letrado.

Freire (1987, p.08), proclamava as práticas sociais e culturais de uso da língua e sua escrita, fazendo alusão ao letramento, para ele “ aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Em outras palavras, as práticas de letramento e aprendizagem do aluno, em qualquer fase de escolarização, inicia-se bem antes da escola. Essa percepção é uma expressão concreta e particular de cada pessoa, principalmente o educando adulto, pois já vivenciaram de maneira próxima práticas sociais do uso da escrita e leitura.

Para Kleiman (2005, p.6) a “complexidade da sociedade moderna, exige conceitos também complexos para descrever e entender seus aspectos relevantes”. Redimensionando essas aprendizagens, jovens e adultos buscam em uma turma de escolarização popular, uma forma de aprimorar o conhecimento da linguagem, da leitura, da escrita. Necessitam da interação dessas linguagens, pois as utilizam cotidianamente nos espaços de trabalho, na comunidade onde moram, nas relações familiares, de trabalho e outros. Nesse sentido Oliveira (2012), assinala que:

“escola tem o papel explícito de tornar “letrados” os membros da sociedade, fornecendo-lhes instrumental para interagir ativamente com o sistema de leitura e escrita, com o conhecimento acumulado pelas diversas disciplinas científicas e com o modo de construir conhecimento que é próprio da ciência (OLIVEIRA, 2012, p.155).

O foco das práticas de letramentos em uma turma de Alfabetização para jovens e adultos/as do PPA em espaço popular, implica a compreensão, interação do processo de aprendizagem através da leitura que concebe objetivos e propósitos comunicativos ao que se escreve, fala e lê em determinado contexto e nas várias práticas sociais. Assim, o termo Letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e o seu lugar, as suas funções, os seus usos e as suas práticas nas sociedades letradas, que estão organizados em torno de um sistema de escrita nas quais assume importância central na vida das pessoas, nas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

De modo geral, as interações humanas são relacionados diretamente à presença da oralidade em suas culturas, entretanto, quando presente a escrita, ela permeia quase todas as práticas sociais, todos os que vivem em sociedades com escrita, inclusive os analfabetos, estão sob a influência das práticas de letramento.

Para Vieira (2003, p. 256) é fundamental entender que:

o estudo do letramento não se circunscreve apenas à diferenciação do escrito e do oral, mas a uma prática de escrita que se liga ao contexto social. Em decorrência, o conceito de letramento é um conceito híbrido, compondo-se de práticas discursivas submetidas a práticas sociais.

Os estudiosos que coadunam com essa dimensão social do fenômeno do letramento salientam que ele é resultado de um atributo pessoal e, sobretudo, de uma prática social, que o letramento é um conceito com pluralidades em uma sociedade onde o desenvolvimento econômico, cultural e tecnológico implica em novas necessidades e, portanto, novas exigências, além de um envolvimento maior dos indivíduos no domínio desses novos saberes e habilidades que assegurem a participação no contexto social.

Na presente pesquisa, o letramento é visto na perspectiva da prática social e, portanto, associado às práticas discursivas e pedagógicas da alfabetizadora. Assim, está ligado à noção de contexto, ou seja, é relacionado às práticas de escrita/ leitura e de leitura/escrita que, por sua vez, liga-se ao contexto social, já que as diversas práticas discursivas estão condicionadas às práticas sociais.

Adoto aqui o entendimento de que o letramento ultrapassa o limiar do texto escrito ou falado, ele implica um processo de construção de sentidos e ou significados, com base no que é produzido individual e socialmente. Nesse sentido, o letramento é constituído por meio de práticas sociais em eventos de letramentos, com destaque para o fato de que essas práticas são aspectos não apenas cultural e social, mas das estruturas de poder do código escrito na sociedade.

3.1 As práticas de letramento em uma turma do Programa Paraná Alfabetizado

A turma em estudo, frequenta aulas no Programa Paraná Alfabetizado desde a edição de 2012, não tinham o domínio do código escrito e liam através de imagens, símbolos e estratégias que desenvolveram no decorrer de suas experiências com o mundo letrado. O grupo tem 12 pessoas sendo 3 rapazes oriundos da zona rural, com idade entre 25 e 32 anos; 3 pessoas uma jovem de 25 anos e 2 adultos com idade de 31 e 45 anos que frequentaram a APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais; 6 pessoas mais maduras, 3 senhoras com idade entre 45 e 60 anos e 3 senhores na faixa etária de 57 a 70 anos.

Para além dos sonhos e histórias de vida, o que importa nessa turma é a vontade de mudar uma situação real de analfabetismo, desejam integrar-se em uma sociedade de linguagem diversas e múltiplas. Buscando sobrevivência da cultura letrada, a vida impôs-lhes, a necessidade de interagir, desenvolver estratégias por meio das experiências advin-

das do mundo do trabalho, das vivências familiares e sociais e das habilidades desenvolvidas a partir da sobrevivência em um mundo grafocêntrico.

Nessa perspectiva, a aprendizagem, a alfabetização, a prática da escrita ampliam de forma significativa as condições para que o educando possa participar ativamente do fazer histórico, ou seja, da efetiva construção do conhecimento em sala de aula, articulando elementos linguísticos, históricos e sociais nas situações reais de uso da linguagem no processo ensino e aprendizagem.

A dimensão do ato de alfabetizar como uma ação que envolve a leitura em suas múltiplas interpretações: ler, escrever, entender, interpretar, compreender textos do cotidiano, tais como bilhetes, notícias, gráficos, tabelas, mapas, receitas, bulas, anúncios, enfim uma série de leituras que demandam a vida social, ou seja, “a leitura para atender o seu pleno sentido e significado, deve, intencionalmente, referir-se à realidade. Caso contrário, ela será um processo mecânico de decodificação de símbolos[...]” LUCKESI, 2003, p.119).

Com isso, ler e escrever ampliam de forma significativa as condições para que o educando possa participar ativamente do fazer histórico, ou seja, da efetiva construção do conhecimento em sala de aula, articulando elementos linguísticos, históricos e sociais nas situações reais de uso da linguagem e de letramento. Para tanto, as práticas pedagógicas da professora/alfabetizadora são mediadoras no processo ensino e aprendizagem, ou seja, a forma que as aulas são conduzidas ampliarão o letramento e suas práticas sociais. Essa simples ação de ler e escrever é o que motiva essa turma do Paraná Alfabetizado e as demais turmas, afinal o Programa intenciona tirar as pessoas do estado de analfabetas para alfabetizadas, ou seja “tornar o indivíduo capaz de ler e escrever” (SOARES, 2012, p.31).

Sabe-se que a escrita se realiza em função de um objetivo, um propósito definido por meio de uma necessidade entre sujeitos históricos e sociais, é a partir desse propósito que a atividade de leitura/escrita se realiza, na relação interacional no processo ensino e aprendizagem, sendo uma das práticas sociais de letramento. As práticas de letramento propostas pelo Programa e seguidas pela alfabetizadora são as sugeridas no livro didático (LD)² - *Muda o mundo Brasil : alfabetização de jovens e adultos*.

O livro orienta e/ou sugere atividades que poderão ser desenvolvidas em turmas de alfabetização, suas orientações pedagógicas para o/a professor/a alfabetizador/a justificam a escolha das atividades propostas, ao mesmo tempo que explica sua metodologia:

[...] este material vem mostrar que é necessário estimular o alfabetizando(a) jovem e adulto(a) para uma educação voltada à atividade pedagógicas que o levem a pensar, motivando-o a ter ideias sobre o mundo, a partir do conhecimento de seu meio. A alfabetização de jovens e adultos pode ser mediada conforme os pensamentos, saberes

² Livro didático (LD), adotado pelo Programa Paraná Alfabetizado como suporte pedagógico: *Muda o mundo Brasil: alfabetização de jovens e adultos*. Fátima Gusso Rigone, edições do Programa 2011, 2012 e 2013.

e a cultura naturalmente adquiridos que se transformam em veículos para a participação efetiva do(a) alfabetizando(a) nas investigações sobre *os conteúdos da grade curricular e na ética, lógica, política e em outras reflexões filosóficas relacionadas ao cotidiano*. (RIGONI,2008, p.6). grifo nosso

Nota-se a preocupação da autora em conciliar os conteúdos que contemplam as propostas de documentos oficiais, como por exemplo, as diretrizes curriculares de ensino da EJA- Educação de Jovens e Adultos do Estado do Paraná:

[...] como modalidade educacional que atende a educandos-trabalhadores, tem como finalidades e objetivos o compromisso com a formação humana e com o acesso à cultura geral, de modo que os educandos aprimorem sua consciência crítica, e adotem atitudes éticas e compromisso político, para o desenvolvimento de sua autonomia intelectual (PARANÁ, 2006, P.27)

Um dos grandes desafios da educação, sobretudo da EJA, é integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação em uma visão de totalidade que integre todas as dimensões do ser humano, contudo o maior desafio em uma sala de alfabetização popular é de estabelecer uma metodologia que vislumbre o educando como um todo - homem/mulher social, global e cultural, na qual o diálogo e as reflexões possam estabelecer-se não apenas no momento de aprendizagem, em sala de aula, mas também em outros espaços de interação social e cultural.

As práticas de letramento, em sua maioria são as propostas pelo LD, elas se organizam em atividades didáticas ligadas à linguagem, à percepção e a capacidade de comunicação, considerando que na aquisição da linguagem escrita, outras formas de linguagens participam ativamente da formação das ideias e valores dos alfabetizandos.

Os exemplos (anexos) de propostas de letramento, a partir das sugestões do LD, são eventos de letramento que constituem atividades em que a escrita desempenha papel fundamental. Nesse sentido, Kleiman (2003, p. 40) destaca “que os eventos de letramento são situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e às estratégias interpretativas.”

Observa-se no processo de aprendizagem da leitura e escrita em eventos de letramento constituem uma determinada atividade social, concreta, em que a escrita desempenha papel fundamental. Assim, o termo letramento está diretamente relacionado com a língua escrita e o seu lugar, as suas funções, os seus usos e as suas práticas nas sociedades letradas, que estão organizados em torno de um sistema de escrita e nas quais este assume importância central na vida das pessoas, em suas relações com os outros e com o mundo em que vivem.

Marcuschi (2004), considera o letramento uma prática social ligada ao uso da escrita, nele há o reconhecimento de uma história rica e multifacetada. Para o autor, a escrita

transformou-se em um bem social, imprescindível à sobrevivência em muitas culturas modernas, chegando até mesmo a simbolizar educação, desenvolvimento e poder. Nesse sentido, é relevante considerar que, mesmo sendo comum acreditar que a escrita tem a finalidade de difundir ideias, em muitos casos, ela serve para assegurar as relações de poder e dominação que estão por trás da utilização do código escrito.

A autora destaca a importância das atividades com a escrita:

É importante possibilitar a descoberta do processo da alfabetização através dos textos, que as palavras são conjuntos de símbolos ou códigos importantes para a representação do pensamento e da fala , [...] busque trabalhar com palavras que fazem parte da discussão política do grupo. É relevante ressaltar que, depois da discussão do texto como um todo é necessário contextualizá-lo, é a expressão da realidade [...]” (RIGONE, 2008, p.11)

Nesse sentido, Cagliari (2000, p. 168) observa que “ as pessoas analfabetas de escrita não são analfabetos de leitura (a leitura para a sobrevivência)”, demonstra o quanto a leitura deve ser valorada no ambiente escolar. Para o autor a experiência da vida de um indivíduo não deve se reduzir à leitura de materiais impressos, porque as pessoas que não leem, também, esses materiais, ficam subnutridas de informação e conhecimento, pois são pobres culturalmente, porque a leitura experiencial ainda que seja abastada, não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral.

Os alunos e alunas que frequentam as aulas de alfabetização em espaço popular, são cidadãos e cidadãs que vivenciam todos os dias situações reais no âmbito político, da saúde, educação, conhecem futebol e tem suas preferências , conversam sobre acontecimentos sociais do bairro, da cidade, do país como por exemplo, as manifestações populares ocorridas nas principais capitais do país durante o primeiro semestre de 2013, quando a população fez reivindicações e protestos não apenas sobre o aumento da tarifa dos transportes coletivos, mas de repúdio contra os políticos acusados de participar do Mensalão (esquema de compra de votos de parlamentares no primeiro mandato do governo de Luís Inácio Lula da Silva), além de outras solicitações sociais.

Quão ricas são as considerações desses alunos, quão letrados socialmente, eles são. Para Soares (2013, p. 72) :

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é , sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

Essas “leituras” dos/as alunos/as demonstram a dimensão e a prática social do letramento, pois a ação de ler que não ocorre somente quando se decifra ou se decodifica os

símbolos linguísticos, como é o caso da leitura em suas formas de apresentação social: livros, jornais, revistas, panfletos, folhetos, faixas, entre outros, também se faz presente através de outras formas. Nesse sentido, Manguel (1997) corrobora com esta concepção ao mencionar:

O astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo ou admiração (...), todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de traduzir signos.(MANGUEL, 1997, p.19)

Cada leitor/a traduz ou interpreta estes signos dando-lhe sentido de maneira própria, tendo aprendido a fazê-lo com a cultura na qual está inserido. Nesse sentido, é possível constatar que cada leitura possui a sua própria linguagem em comunicar ou informar sobre algo que só pode ser desvendado por aqueles que conhecem os meios para tal, ou seja, a prática de letramento.

Para dar sentido ao que se lê, observa-se que a leitura pode ter significados diversos para cada pessoa, cada leitor, ou seja, o sentido pode chegar de maneira gradativa como uma descoberta e isso depende dos níveis de letramento e práticas sociais da leitura, por isso, ao contrário da escrita, que é uma atividade de expor o pensamento, a leitura é uma atividade de apropriação de conhecimento, de interiorização e reflexão.

Nota-se nas propostas pedagógicas do LD, o reconhecimento do conhecimento formal como um trampolim para o processo de alfabetização, leitura e letramento através dos textos, procurando evidenciar palavras de cunho reflexivo e significativo para os/as alfabetizando/as, sempre contextualizando-as. Além disso, nas orientações para professora/alfabetizadora destaca o uso de palavras que fazem parte do grupo, da comunidade, sempre considerando as histórias e os saberes dos alunos, levando-os a descoberta dos traços ortográficos da linguagem, diferenciando-os da oralidade e contemplando práticas de letramento nas diferentes interações comunicativas.

A leitura é uma das ferramentas que permite ao sujeito conhecer questões que ficam “nos bastidores” da história. Ela permite conhecer os verdadeiros motivos ou interesses que são a “mola-mestra” desta sociedade e nos ajuda entender os aspectos sociais, políticos e econômicos do nosso país e do mundo. A leitura e o letramento ainda acontecem em passos “lentos” em uma turma de alfabetização popular, isso porque os/as educandos/as entendem que a escrita precede a leitura, ainda não conseguem perceber que o processo é inverso: a lei-

tura precede a escrita, que uma pessoa “participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita”. (MARCUSCHI, 2004, p.45)

Nesse sentido, o Livro Didático é visto a partir de vários fatores tais como políticos, sociais, linguísticos, metodológicos e pedagógicos que interferem no ensino da língua materna e nas propostas de atividades em letramento. Em razão desse quadro é necessário observar os objetivos do PPA na perspectiva do letramento e da prática social na educação da EJA e o melhor aproveitamento e rendimento do educando, para se necessário, abandonar o indesejável e buscar soluções mais adequadas à modalidade de ensino de jovens e adultos em espaços não-formal de alfabetização.

3.2 Práticas Pedagógicas e de Letramento na turma do Programa Paraná Alfabetizado

Vivemos em uma sociedade complexa, a presença da escrita complementa a comunicação inerente as pessoas e suas necessidades sociais de interação com o mundo. A escrita e conseqüentemente a leitura são constantes nas atividades diárias da turma do PPA. Os/as alunos/as trazem em suas experiências habilidades de leitura que desenvolveram ao longo de suas histórias e traduzem suas emoções e sentimentos, aprenderam na “escola da vida,” “registrar” de maneira muito pessoal suas impressões a partir dos textos expostos nas ruas, na família, na igreja, no banco, ponto de ônibus, mercado, nas placas, letreiros e faixas espalhados no entorno das cidades.

A presença da escrita bombardeia os olhos com toda a sua complexidade de sentido e significado, sendo mistério, curiosidade e preocupação para aqueles que desejam entender o que está desenhado no muro, no parque, no jornal, na revista, no cinema, enfim ler é a motivação dessa turma de jovens e adultos. A linguagem e as práticas discursivas são elementos presentes nas relações sociais em seus vários contextos. As transformações e mudanças mundiais dão novos sentidos e significados às palavras, impondo múltiplas formas de apresentação e expressão designando práticas específicas de uso da língua escrita. Nesse campo tão profícuo, surge reflexões sobre a escrita e suas práticas sociais de leitura, impulsionando o processo de letramento que se realiza pela via de textos diversos que compreende a dimensão diferenciada do uso social da escrita como uma forma de assegurar seu domínio.

Kleiman (2003, p. 40) destaca que os eventos de letramento são situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e às estratégias interpretativas. Eles são episódios observáveis que surgem de práticas e são moldados por elas. A noção de evento de

letramento impulsiona as atividades preparadas pela professora/alfabetizadora nas aulas, são práticas que ampliam não só os saberes, mas trazem reflexões de uso da escrita e leitura nas práticas sociais discursivas.

Para ir além da/o livro didático, as aulas são organizadas a partir da leitura, pois cada evento de letramento há contextos sociais e situacional e os papéis sociais dos sujeitos devem ser considerados no processo ensino e aprendizagem. Para tanto, destaca-se os textos cotidianos do universo dos/as alunos/as como panfletos, jornal, boletim de igreja e revistas que oportunizam a leitura verbal e não-verbal, oral e troca de informações, pontos de vista e experiências pessoais. É importante destacar a oralidade como ferramenta no processo de ensino, pois é uma excelente oportunidade de explorar outras linguagens, abrindo oportunidade de conceber a relação entre o texto escrito e oral.

Kleiman (2005, p.44), afirma:

“nas práticas letradas da sala de aula, as relações de complementação e sobreposição parcial entre a fala e a escrita são muito evidentes”. Na aula de leitura, por exemplo, o professor faz perguntas antes, durante e depois da leitura, com a finalidade de ajudar a construir um sentido ou de introduzir um novo gênero. Em outras palavras, ele fala e, ao fazer isso, mobiliza seus conhecimentos, experiência e recursos da oralidade e do letramento.

As atividades de leitura propostas pela professora/alfabetizadora completa-se a partir de produções textuais, sendo portanto, uma atividade de interação entre os sujeitos. “O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor” (ANTUNES, 2003, p.67).

Nesse sentido, as práticas de letramento em uma turma do Programa Paraná Alfabetizado favorecem a ampliação do repertório de informações. Pela leitura a turma poderá incorporar novas ideias, conceitos e informações acerca das coisas, da vida, dos acontecimentos, das pessoas e do mundo. A cada leitura e com a mediação docente é possível perceber a construção do conhecimento por meio das relações sociais, pelo diálogo entre leitor, texto, autor e os objetivos de leitura.

Como as atividades na turma do Programa Paraná Alfabetizado, requer o exercício e a prática da escrita, as leituras propostas para as práticas de letramento são possibilidades de interação e ressignificação das práticas sociais com o próprio educando e o mundo, pois as construções textuais-discursivas produzidas por intermédio da leitura promovem os/as alunos/as para o “status” de pessoas alfabetizadas, que sabem ler e escrever. Antunes (2009, p.47), diz que:

[...] nas sociedades letradas, a escrita está presente, como forma constante de atuação, nas múltiplas atividades das pessoas - no trabalho, na família, na escola, na vida

social em geral - e, mais amplamente como registro do seu patrimônio científico, histórico e cultural. Dessa forma, toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, isto é, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam.

Da leitura para a atividade de produção escrita é necessário uma interação que perpassa desde a decodificação de sinais gráficos, a construção de significados para além da superfície do texto, observando as funções sociais da leitura e da escrita, a fim de levá-los a participar plena e criticamente de práticas sociais que envolvem o uso da escrita e da oralidade. A professora-alfabetizadora percebeu que é no contato com os diferentes gêneros textuais que os/as alunos/as inserem-se nas mais variadas práticas sociais, possibilitando seu efetivo letramento; de outro lado, esse contato, quando não subsidiado por bases epistemológicas seguras, corre o risco de insistir na pedagogia tradicional do ensino de alfabetização, na qual o texto na sala de aula, longe de alcançar seu caráter discursivo, ainda permanece como pretexto de práticas estereis para a formação de ensino e aprendizagem e conseqüentemente de um leitor crítico.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados coletados deu-se por intermédio de pesquisa de campo, observações nas aulas ministradas e análise quantitativa e qualitativa das informações. Para coleta de dados aplicou-se à turma um questionário com questões objetivas e subjetivas referentes às suas práticas de leitura e letramento nos espaços sociais, além da sala de alfabetização. Tais informações objetivaram conhecer o perfil social e escolar da turma, suas preferências quanto ao hábito de leitura, textos escolhidos e suas práticas sociais, também procurou-se saber acerca da participação no Programa Paraná Alfabetizado. Em algumas questões, a turma pode relatar sua rotina nas aulas, dificuldades e desafios cotidianos que enfrentam por falta de terem a educação formal, as dificuldades no trabalho e na sociedade letrada em que estão inseridos.

A professora/alfabetizadora também respondeu um questionário com questões relativas a sua formação acadêmica, sua prática profissional e conhecimento acerca das práticas de letramento. Com a coleta de dados, foi possível saber o perfil da professora/alfabetizadora, seu conhecimento sobre as práticas pedagógicas e experiência com alunos da EJA. No instrumento, a docente relatou seu trabalho com a turma do Programa PPA, especialmente sua experiência e sua visão sobre as políticas públicas de Educação para Jovens e Adultos.

Os instrumentos aplicados foram essenciais para a coleta de dados da pesquisa, pois foi possível conhecer o trabalho pedagógico desenvolvido no cotidiano de uma turma de alfabetização em um espaço não-formal, as práticas educacionais desenvolvidas, as ações pedagógicas e como desenvolve-se ações educacionais em espaços diferenciados da escola tradicional. Além disso, conhecer o perfil de jovens e adultos estão dispostos em aprender a ler e escrever, saber seus anseios, sonhos e possibilidades de avanços na formação escolar com aulas de um Projeto de Educação para jovens e adultos de uma turma heterogênea, com vivências diversas mas com objetivos comuns: serem alfabetizados, terem a oportunidade de ler, escrever e sentir-se incluídos em uma sociedade letrada.

5. ANÁLISE DOS DADOS

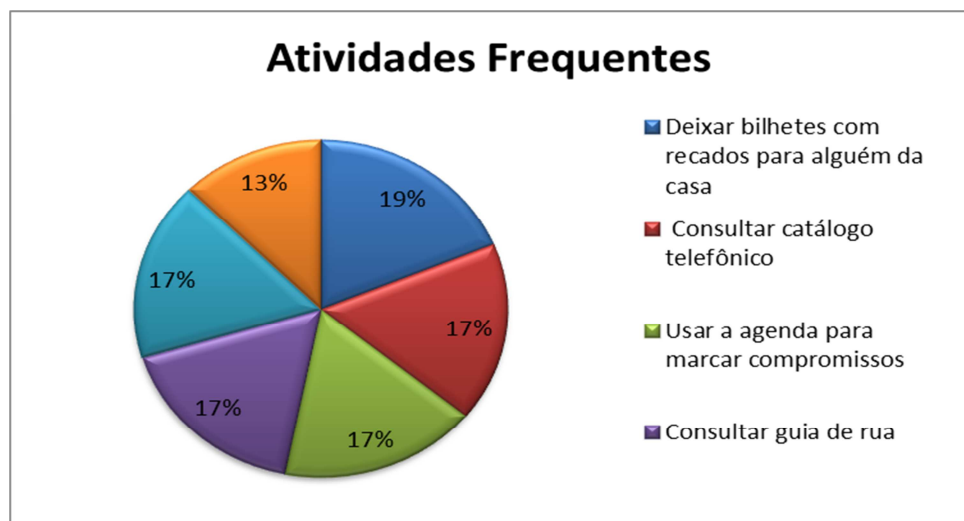
Após entender a dinâmica do Programa Paraná Alfabetizado, seu funcionamento, sua estrutura, sua aplicação e sua dimensão social, vislumbrei uma ação política que apresenta um documento oficial com o seguinte teor :

Constituído para garantir alfabetização de todos, jovens, adultos e idosos residentes no Paraná, por entender a leitura e a escrita como direitos elementares da cidadania. Além disso busca sensibilizar a população não alfabetizada a ingressar no universo da educação de jovens e adultos. (PARANA, 2013, p.4). (grifos nosso).

Subdiziam o Projeto com uma professora/alfabetizadora, livro didático, uma professora-coordenadora para dar assistência pedagógica, curso de formação continuada para a professora/alfabetizadora, do efetivo acompanhamento da Secretaria de Educação e/ou Núcleo Regional de Educação de Londrina. Entendemos que as políticas públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos, são ações importantes na construção social e coletiva, e de transformação da realidade de muitas pessoas, além de ser uma conquista histórica para a população, mas são necessárias e urgentes ações políticas efetivas, afinal são projetos que visam ao avanço na educação e à erradicação do analfabetismo no Paraná.

Destacam-se as práticas de letramento e de leitura em sala de aula, uma vez que estamos em um contexto no qual as exigências de saberes estão cada vez mais complexos e diversificados, não apenas sobre a linguagem e funcionamento da língua (oral e escrita), mas também saberes de uma sociedade pós-moderna e tecnológica. Um panorama dessa relação leitura/letramento é possível vislumbrar, a partir de alguns dados informados pela turma, a saber:

- Quadro 1: atividades cotidianas relacionadas à práticas de letramento



O quadro revela dados externos à prática escolar, informa de que maneira esses/as alunos/s praticam atividades sociais de letramento. Destacam-se as opções mais indicadas pelos/as alunos/as. Nessa questão tinha-se a possibilidade de apontar mais de uma opção. O conceito de letramento é uma linha tênue entre a relação do escrito e oral, “quando se amplia a concepção da escrita [...] é possível entender melhor o impacto da escrita: as mudanças e transformações decorrentes das novas tecnologias, o uso da escrita e seus reflexos no homem comum.” (KLEIMAN, 2005, p. 47).

Da turma destaca-se a aluna E7 é a que apresenta o maior domínio da escrita e leitura, em seu cotidiano faz uso de prática sociais de letramento. Segundo seu relato, ainda não terminou o Ensino Fundamental fase I, está em uma turma de alfabetização porque precisa ajudar os filhos nas tarefas escolares. Observa-se que a aluna consegue ler, mas não compreender o solicitado nas tarefas de seus filhos. Para Leffa, apud Cosson, (2012, p.39):

Ler é um processo de extração do sentido que está no texto. Essa extração passa necessariamente por dois níveis: o nível das letras e palavras, que estão na superfície do texto, e o nível do significado, que é o conteúdo do texto. Quando se consegue realizar essa extração, fez-se a leitura. As dificuldades de leitura estão ligadas aos problemas da extração, ou seja, a ausência de habilidade do leitor em decifrar letras e palavras, que o impede de passar de um nível a outro ou ao grau de transparência do texto. É a leitura entendida como um processo de decodificação, por isso a ênfase está centrada sobre o código expresso no texto. O domínio do código é a condição básica para a efetivação da leitura, já que feita a decodificação o leitor terá apreendido o conteúdo do texto.

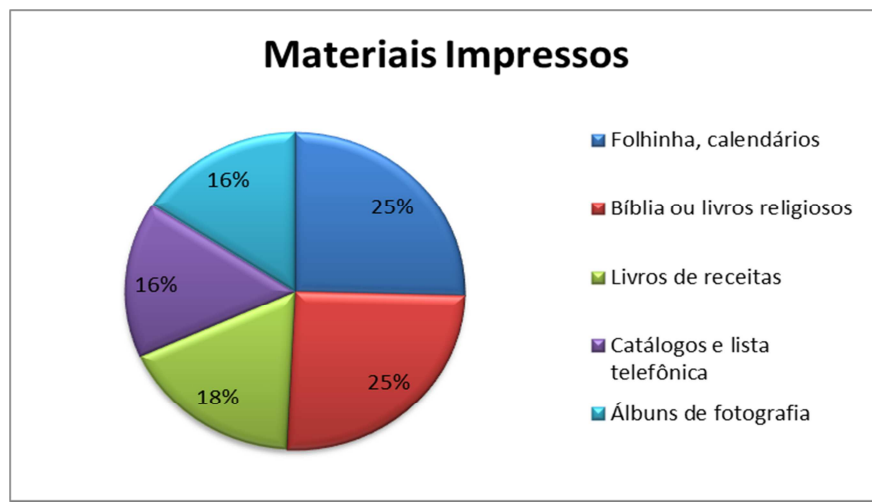
Compreende-se que E7 consegue extrair do texto a decodificação das palavras, ou seja, faz a leitura, mas ainda não atingiu o nível do significado desse tipo de texto, que apresenta uma escrita específica, formal e, às vezes científica como é o livro didático. Embora tenha em seu cotidiano práticas sociais de letramento, pois envia mensagens para os filhos através do celular, escreve bilhetes, lê e entende os recados enviados pela escola, lê receitas culinárias, cartaz, jornal, placas, faixas urbanas e outras infinitudes de textos presentes em seu cotidiano.

Para Kleiman (2005, p.56), “o indivíduo “letrado”, não precisa se concentrar nem realizar grandes esforços para se comunicar e entender o mundo letrado ao seu redor.[...]”. Nesse contexto, se faz necessário refletir sobre o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita na EJA, possibilitando aos/as estudantes a ampliação do seu conhecimento, considerando sempre as práticas sociais em que ele/ela já participa, tornando, assim mais significativo o seu processo de aprendizagem e escolarização.

Os dados obtidos, no quadro abaixo, indicam formas de letramento que “visam aos objetivos mais elementares da atividade de leitura - a de extrair informações dos textos - e chegar até as atividades de leitura do entorno” (KLEIMAN, 2005, p. 56).

O/a aluno/a, nesta questão, poderia assinalar mais de uma opção, chama-nos a atenção para os itens mais assinalados: a bíblia e o calendário. Ao indagar o conhecimento acerca das histórias bíblicas, constatou-se ser o livro mais lido entre as famílias investigadas, algumas pessoas disseram ter mais de uma bíblia em suas residências. Esse interesse e culto ao livro sagrado justifica-se pela cultura religiosa, crença e fé.

- Quadro 2: materiais impressos em casa



Causou surpresa, o empate do item calendário com a bíblia, infere-se a leitura da importância do tempo em nossas atividades sociais, de trabalho, de lazer, de família, de escola, enfim a marcação do tempo em meses, dias e ano estão relacionados ao “tempo histórico dos grupos humanos, os quais provocam as mudanças sociais, ao mesmo tempo em que são modificados por elas.”(CORTEZ, 1987)³

Outra informação relevante nesse tópico do questionário é a importância do calendário físico testemunha das atividades realizadas por cada pessoa. Elas e eles marcam, riscam, anotam na folhinha datas que não podem ser esquecidas, como: “Uso pra marca o dia do pagamento da aposentadoria.”; “Marco na folhinha a data do retorno no médico.”; “ Eu, marco o dia que compro gás.” ; Tenho um filho preso, marco na folhinha o dia de leva manutenção pra ele.”, enfim quantos acontecimentos sociais de uso de letramento que trazem de algum modo uma mudança no cotidiano dessas pessoas.

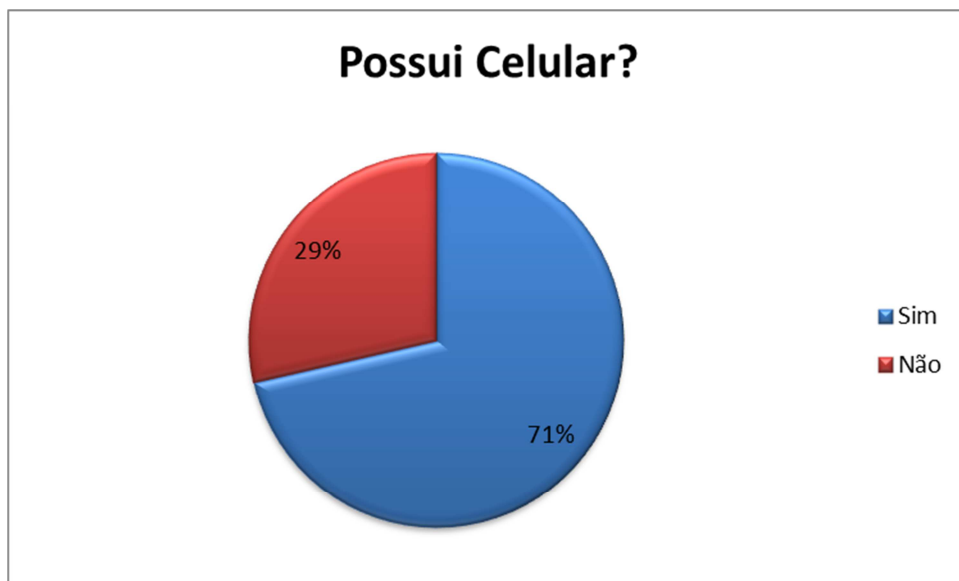
Não importa o grau de importância da necessidade em destacar está ou aquela data, o que se coloca em xeque é a relevância da prática da leitura real, física do calendário e

³Ed. São Paulo: Cortez, 1987. <http://www.sohistoria.com.br/ef2/tempo/> acesso em -5 de dez.2013

a leitura subjetiva das necessidades de cada pessoa, como por exemplo o caso do pai que tem que levar mantimento para o filho preso, tamanha são as preocupações que tomam forma em sua vida antes do dia de visita. O tempo histórico de cada aluno/a e as leituras possíveis das relações sociais, escolares e coletivas são resultados de suas impressões sobre o mundo e as experiências vividas, a partir de erros e acertos contribuindo com suas o práticas de letramento.

A questão a seguir, marca a presença da tecnologia na sala de alfabetização, a maioria tem um aparelho celular, não há como ignorar o elo existente entre os avanços tecnológico e os meios de comunicação. A tecnologia está presente nas casas das pessoas em formatos diferentes: eletrodoméstico e eletrônicos são elementos integrantes da nova sociedade, ignorar essa tecnologia em ambiente de aprendizagem é como dar um “tiro no pé”, mesmo sem a total habilidade de escrita e leitura as pessoas adquirem um aparelho celular, mesmo sem o conhecimento tecnológico necessário para manuseio do aparelho.

- Quadro 3 - presença do celular

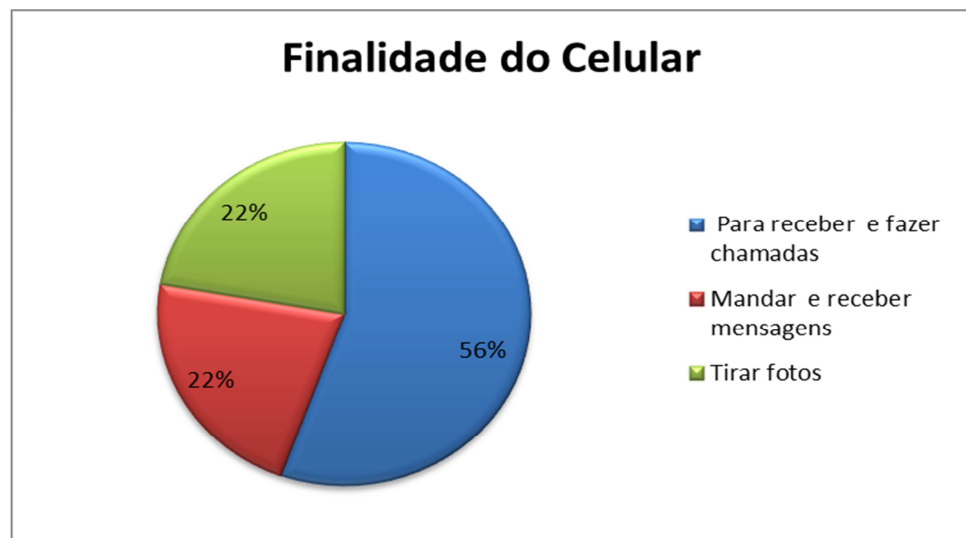


É notório o uso da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), elemento presente no cotidiano de toda a população mundial, ampliando a comunicação de forma rápida e abrangente, através da internet e modificando o uso da escrita e leitura nas práticas sociais.

“A comunicação por meio da TIC caracteriza-se como uma nova modalidade comunicacional que permite romper com a linearidade e a unidirecionalidade entre emissor e receptor e potencializa comunicação multidirecional pela criação de redes formada na diversidade de informações [...]” (SANTOS,2003, p.215).

Destaca-se nesse contexto, não apenas a posse do aparelho celular, mas o seu uso nas situações de comunicação real dos/as educandos/as, como o de receber e enviar mensagens.

- Quadro 4 - finalidade do celular



Dentre as atividades mais usadas pelas pessoas com celulares na turma, destaca-se receber e fazer chamadas, depois o uso de seus aplicativos. Poucos na turma têm aparelho com o uso da internet, e os que têm não ainda não fazem uso desse recurso desconhecendo as suas estratégias de uso.

Nesse sentido, Koch (2009, p.44), destaca que “a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam e fora dos eventos discursivos nos quais intervêm e nos quais mobilizam seus saberes [...]”. A escrita, aqui se realiza, como é a ênfase dada pela professora/alfabetizadora, mas em função de um objetivo, um propósito definido por meio de uma necessidade entre sujeitos históricos e sociais, a partir de suas leituras e letramentos.

As duas questões finais, abrangem o uso da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC), elemento presente no cotidiano de toda a população mundial, ampliando a comunicação de forma rápida e abrangente, através da internet e modificando o uso da escrita e leitura nas práticas sociais:

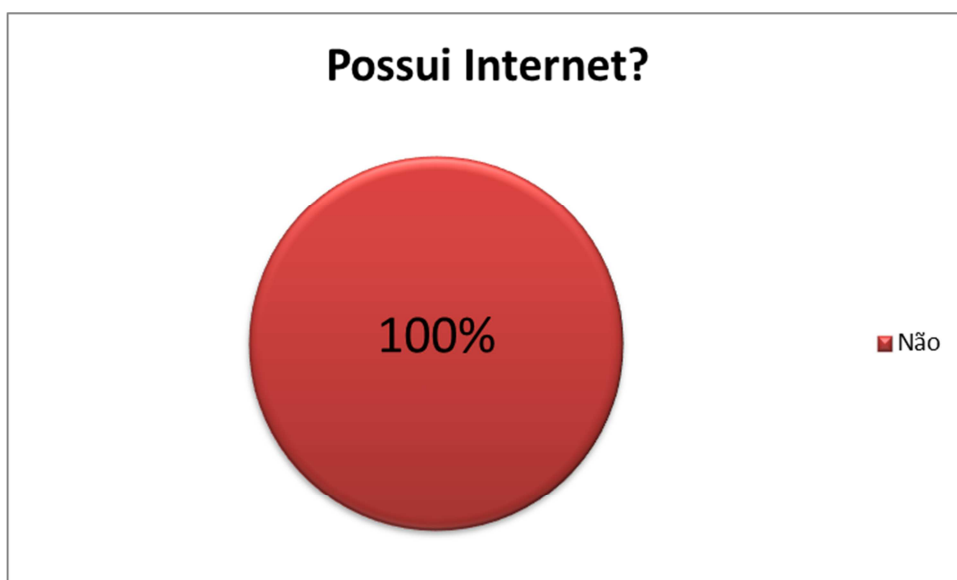
A Internet é um projeto inacabado, em contínua mutação, que apresenta resultados surpreendentes, problemas desafiadores, e que não se sabe dizer ao certo onde vai desembocar. Mas ninguém duvida que ela é a mais versátil e acessível das redes de comunicação já inventadas pelo homem. (INSTITUTO TAMIS, 1997)

- Quadro 5: computador



Pela sua abrangência na sociedade, é inevitável sua presença nas escolas, além de-la própria ser um meio de aprendizagem virtual, como acontece em curso de educação á distância, porém todos e todas têm consciência de sua utilidade na educação, informação e comunicação.

- Quadro 6 - Internet



Aqueles que declaram ter o computador afirmam ser de uso exclusivo dos filhos e netos, mas que desejam aprender a manusear a máquina. O público da EJA envolve-se com a tecnologia cotidianamente: ao usar o caixa eletrônico, consultar o preço de uma mercadoria no supermercado, ir em uma farmácia para medir a pressão ou uma simples ligação de seu celular, demonstra o envolvimento com as inúmeras tecnologias presentes na sociedade cotidiana, e, distantes das práticas letradas em sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Educar é educar-se na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isso sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais."
(Paulo Freire)

Para uma parte do grupo dessa turma de alfabetização popular, considerando suas caminhadas, suas muitas histórias de insucesso no uso da escrita e leitura, pertencer a essa turma, é estar na escola, pois ela (a escola) é uma instituição de peso, mesmo representada no momento, por um espaço popular, mas com professora, horário, avaliação/prova, tarefas, atividades de leitura e escrita, livro didático, sem contar na possibilidade de frequentar realmente uma Escola, “passar de ano”, conseguir um “diploma”, certificar o nível de escolarização, tudo que uma escola “de verdade tem”.

Para a outra parte da turma, tal anseio representa o desejo de pertencer, ser aceito/a como é, ser respeitado/a por obter mais conhecimentos que poderá ampliar as oportunidades em suas vidas. Mesmo para aqueles que não anseiam avançar seus estudos na escola regular, que desejam pertencer ao mundo da língua escrita, da sociedade que tem letras em todos os seus espaços, que querem transformar suas relações na família, como é o desejo da mãe que anseia ajudar os/as filho/as nas tarefas escolares; ter melhores condições de trabalho, como desejam os meninos que almejam suas promoções, querem melhores salários, ou apenas querem sentir-se capazes de compartilhar suas ilusões e sair da condição de pessoa analfabeto ou não alfabetizado.

É assustador o número de pessoas que leem um texto simples e não entendem o sentido apresentado pelo autor. Pode-se dizer, que essa é uma herança de todo o tratamento que a educação brasileira sofreu ao decorrer de sua história. É lamentável reduzir a alfabetização, sobretudo da modalidade EJA, mesmo que em espaços populares à apreensão dos signos sem a apreensão dos significados.

Diante do observado, urge uma política pública de educação séria para os/as alunos da EJA, mesmo que essas políticas sejam postas “de cima para baixo”, dos gabinetes e secretarias, é necessário fazer dessa política uma ação inovadora, pois é no chão desses espaços populares, que estão aqueles que sabem das demandas e necessidades reais de mudança na educação, o que pode dar certo, funcionar, ser aplicado com o mínimo de sucesso. É pre-

ciso parar de fazer educação genérica para pessoas adultas, paliativa que resolve momentaneamente os problemas do estado, cidade ou país.

É imprescindível repensar o direito humano a educação básica para Jovens e Adultos e viabilizar programas e projetos que respondam as necessidades desse público em seus diversos contextos de leitura e letramentos. É de suma importância também elaborar um programa de formação continuada para alfabetizadores/as, coordenadores/as desses programas de alfabetização popular. Os estudos de letramentos para alfabetizadores/as e alfabetizados/as envolvem não só, reflexões sobre o ensino da língua escrita, mas também as necessidades de ampliar o universo textual das práticas de leitura e uso da escrita nas diversas relações da vida social, “o letramento permite aprender para continuar aprendendo.” (KLEIMAN, 2005, p.51)

A educação, a escola, a formação institucional não tem que necessariamente resolver todos os problemas do mundo, nem é possível pelo movimento dinâmico social, porém ela deve dar condições para que o/a educando/a da EJA tenha condições para aprender, desenvolver habilidades de escrita e leitura em situações diversas de uso, além de um aprendizado crítico/reflexivo proporcionando-lhes oportunidades de trabalho e avanço econômico social.

Os programas e projetos de política pública para a EJA precisam efetivamente apoiar Secretarias e preparar profissionais para atender esse público tão distinto, com histórias e caminhadas de vida que trazem tantos saberes que se completam com o domínio da escrita, leitura em suas práticas sociais. Os desafios para uma educação que esteja a alcance de todas as pessoas são muitos, as barreiras e dificuldades também, porém as conquistas que esse público alcançou pode mostrar a sociedade que a educação, alfabetização, leitura, letramento estão são necessários para diminuir as diferenças, preconceitos e discriminação presentes em nossa sociedade e que a diversidade presente em sala de aula pode, assim, evidenciar possibilidades para uma aprendizagem mais significativa e um convívio mais harmônico, objetivando uma sociedade cada vez mais democrática, mais igualitária e mais justa.

A pesquisa realizada teve o propósito de provocar inquietações e despertar, ainda mais, a conscientização e a necessidade do debate acerca da importância de transformar espaços de alfabetização popular em ambiente cada vez mais inclusivo, que as políticas educacionais almejam alcançar cada vez mais jovens e adultos que precisam e necessitam ampliar seu letramento e alcançar níveis maiores de educação formal.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E.B.C. de. Conceituando Alfabetização e Letramento. In SANTOS, C. F. , MENDONÇA, M. (Orgs). Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ALMEIDA, M.E.B de. Educação Ambientais Virtuais e Interatividade. In Silva (Org) Educação online: teorias, práticas, legislação, corporação legislativa. Edições Loyola, 2006, <http://books.google.com.br>, acesso em 06 de dez.2013
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. Brasília: Liberlivros, 2005. p. 7-70.
- ANTUNES, I. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BORBA, F. S. Dicionário Unesp do português contemporâneo. Colaboradores Beatriz Nunes de Oliveira Longo, Maria Helena de Moura Neves, Maria Bortolotti e Sebastião Expedito Ignácio. - Curitiba: Piá, 2011.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. - <http://www.ibge.gov.br> , acesso em 05/05/2013.
- BRASIL. **Instituto Tamis**. Popularização da Internet: introdução ao uso de correio eletrônico e web. Outubro de 1997, disponível em <http://www.rnp.br>, acesso em 22/10/2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos**. Volume 1. Brasília, 2002.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, v. 2/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1998
- BRASIL. Programa Brasil Alfabetizado, Brasília, DF: Ministério da Educação, 2003 disponível em <http://portal.mec.gov.br>, acesso em 22/04/2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Diretoria de Políticas de Educação de Jovens e Adultos, Brasília, DF: Ministério da Educação, 2011.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2001.
- CECCHETINI, E. Badouy. Introdução. In: **Inovação e Métodos de Ensino para Nativos Digitais**. VERAS, Marcelo (Org.). São Paulo: Atlas, 2011.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.
- DANTAS, T. R. (2005): A alfabetização de Adultos, como estratégia de Desenvolvimento Social. In Revista da FAEEBA, Salvador, nº5, Jan./Jun.
- EDITAL-14/2013/SEED-PR disponível em www.educacao.pr.gov.br, acesso em 25/04/2013

EDITAL-15/2013/SEED-PR disponível em www.educacao.pr.gov.br, acesso em 25/04/2013

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 20ª ed., São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação**: Cartas Pedagógicas e outros Escritos – Unesp : 3ª edição, São Paulo, 2000.

_____. **Política e educação: ensaios**. 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. Disponível em: www.4shared.com. Acesso em 01/05/ 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. (org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1999.

KLEIMAN, A B. **Os significados do Letramento**: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. 7. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda. 2004. p.294 .

_____. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: Linguagem e letramento em foco. Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Unicamp, Cefiel/IEL 2005-2010.

LAKATOS, Eva M. e Marconi, Marina A. **Metodologia Científica**, Editora Atlas S.A., São Paulo SP. 1991.

LISPECTOR, Clarice. Crônica Pertencer disponível em www.revistaescarlate.com, acesso 30/10/2013.

MOLLICA, Maria Cecília. LEAL, Márcia. **Letramento em EJA**. São Paulo. Parábola, 2009.

NOVA ESCOLA. Edição 221, Editora Abril, abril de 2009.

PARANÁ. EDITAL-14/2013/SEED-PR disponível em www.educacao.pr.gov.br, acesso em 25/04/2013

_____. EDITAL-15/2013/SEED-PR disponível em www.educacao.pr.gov.br, acesso em 25/04/2013

RIGONI, F. G. **Muda o mundo Brasil**: alfabetização de jovens e adultos. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

SOARES, M. **Letramento e Escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2004. 287

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 124

_____. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011. 123

SCHOLZE, L.; RÖSING, T. M.K (orgs). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira, 2007.p.297.

TFOUNI. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995

VENTURA, M.M. O **Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Rev. SOCERJ. 2007;20(5):383-386 *Pedagogia Médica*.setembro/outubro.

- impressos em geral lista de compras receitas
 manual de instrução

Outros:

8) Sua turma possui celular ou outro aparelho tecnológico ? sim não

9) Você utiliza em suas aulas algum aparelho tecnológico? sim não
 Se sim, qual?

10) Em suas reuniões com coordenadora, recebe alguma orientação de atividades de leitura e letramento? Quais?

B - Questionário 2: para os/as alunos/as da turma do Paraná Alfabetizado

1) Quais atividades , abaixo relacionadas, você gosta de fazer ou faz com certa frequência:
 (pode assinalar mais de um)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Consultar catálogo telefônico. | <input type="checkbox"/> Ler cartas de amigos ou familiares |
| <input type="checkbox"/> Fazer listas de atividades que costuma fazer. | <input type="checkbox"/> Ler correspondência impressa que chega a sua casa. |
| <input type="checkbox"/> Usar a agenda para marcar compromissos . | <input type="checkbox"/> Fazer listas de compras . |
| <input type="checkbox"/> Deixar bilhetes com recados para alguém da casa . | <input type="checkbox"/> Procurar ofertas e promoções em folhetos e jornais . |
| <input type="checkbox"/> Consultar guia de rua . | |
| <input type="checkbox"/> Escrever cartas para amigos ou familiares . | |

2) Quais desses materiais (impressos) há em sua casa? (Pode escolher mais de um)

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Álbuns de fotografia | <input type="checkbox"/> Livros ou folhetos de literatura de cordel |
| <input type="checkbox"/> Bíblia ou livros religiosos | <input type="checkbox"/> Dicionário |
| <input type="checkbox"/> Cartilhas ou livros escolares | <input type="checkbox"/> Enciclopédias |

- Folhinha, calendários Livros de receitas
 Guias de rua e serviços Livros de literatura
 Catálogos e lista telefônica Livros didáticos ou apostilas escolares
 Jornais, revistas
 Livros infantis
 Folhetos, apostilas ou livretos de movimentos sociais, de partidos políticos ou grupos religiosos.

3) Você tem celular? sim não

4) Para que usa o aparelho? (pode escolher mais de um)

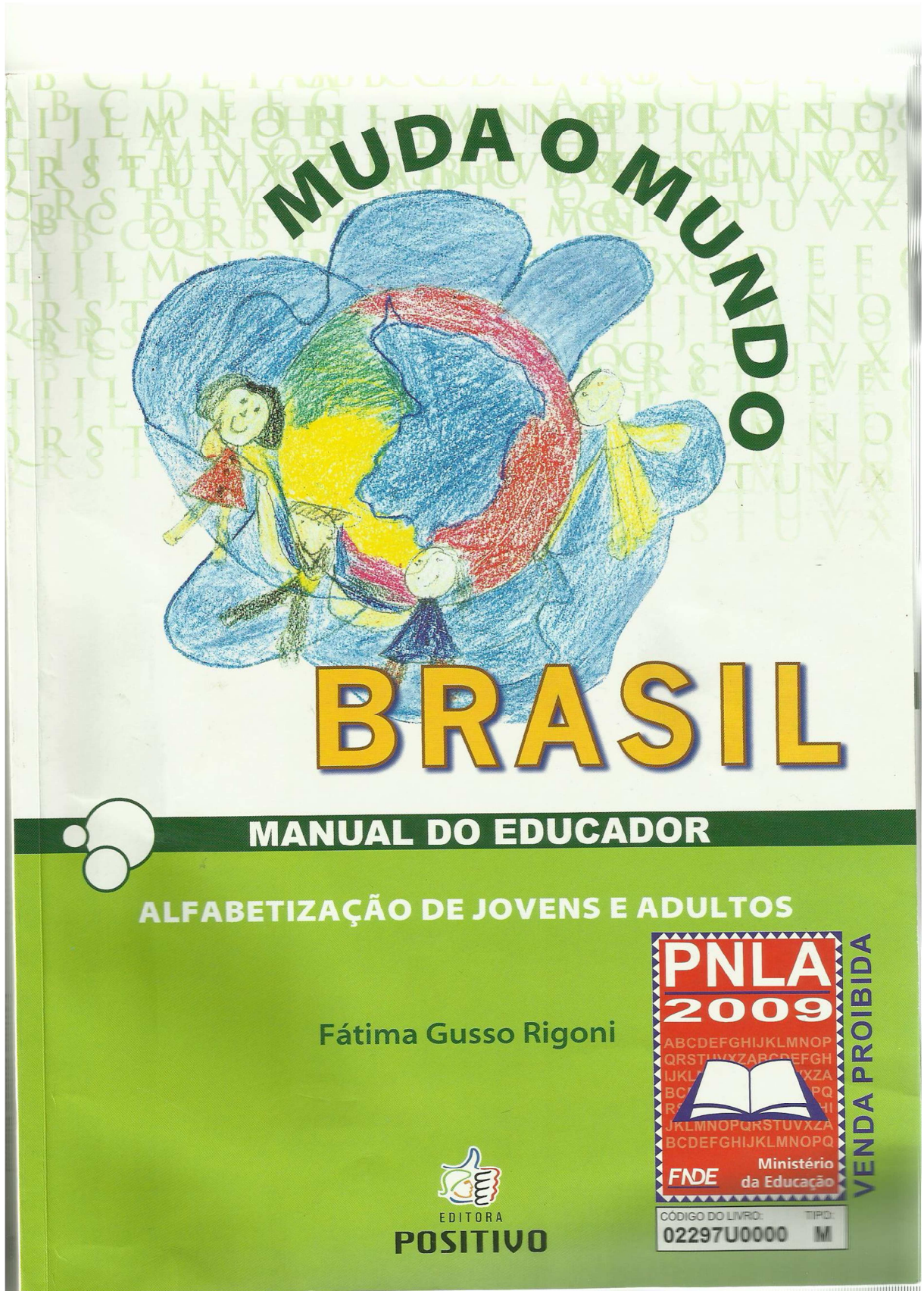
- para receber e fazer chamadas
 mandar e receber mensagens
 acessar internet
 ouvir música
 usar aplicativos (jogos, filmes, etc)
 tirar fotos
 outros _____

5) Tem computador em casa? sim não

6) Tem internet? sim não

Acessa a internet sim não

ANEXOS



MUDA O MUNDO

BRASIL



MANUAL DO EDUCADOR

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Fátima Gusso Rigoni



EDITORA POSITIVO

PNLA
2009

ABCDEFGHIJKLMN OP
 QRSTUVWXYZ ABCDEFGH
 IJKLMN XZA
 BCDEFGH I
 RSTUVXZA
 JKLMNOPQRSTU V
 BCDEFGHIJKLMNO PQ

FNDE Ministério da Educação

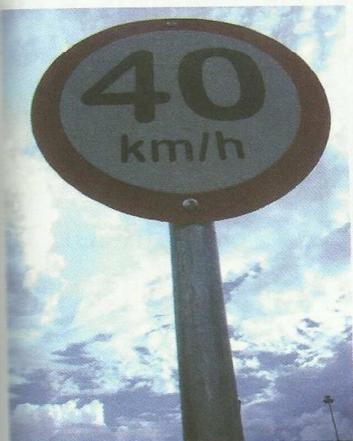
VENDA PROIBIDA

CÓDIGO DO LIVRO: 02297U0000 TIPO: M

OS SÍMBOLOS Alfabetizador(a): Busque através da realidade de seus(suas) alfabetizados(as) outros símbolos do conhecimento deles.

NO DIA-A-DIA, PERCEBEMOS QUE AS IMAGENS SIMBÓLICAS NOS RODEIAM POR TODA PARTE.

ELAS REPRESENTAM IDÉIAS E PENSAMENTOS, UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO.



JÁ NA ANTIGÜIDADE OS SÍMBOLOS FAZIAM PARTE DO COTIDIANO DAS PESSOAS. ANTES MESMO DE CRIAREM A ESCRITA, JÁ USAVAM OS SÍMBOLOS PORQUE PRECISAVAM SE COMUNICAR COM OS OUTROS.

NA VERDADE, TODOS NÓS SOMOS POR NATUREZA SERES QUE NOS COMUNICAMOS. HOJE OS SÍMBOLOS TAMBÉM SÃO UTILIZADOS COM O OBJETIVO DE COMUNICAR.



Flickr/Ariani Caetano

Flickr/Tauanavi

Flickr/Fernando PJ

Flickr/Ariani caetano

Flickr/daquellamanera

FAMÍLIAS E FAMÍLIAS



NEM SEMPRE DE SANGUE...
 SEMPRE DE AMOR.
 MÃE QUE GEROU
 MÃE QUE NÃO GEROU...
 MÃE QUE ESCOLHEU E AMOU.
 PAI QUE GEROU

PAI QUE NÃO GEROU...

PAI QUE ESCOLHEU E AMOU.

FILHOS NÃO GERADOS

FILHOS GERADOS...

FILHOS ESCOLHIDOS E
 AMADOS.

EXISTEM

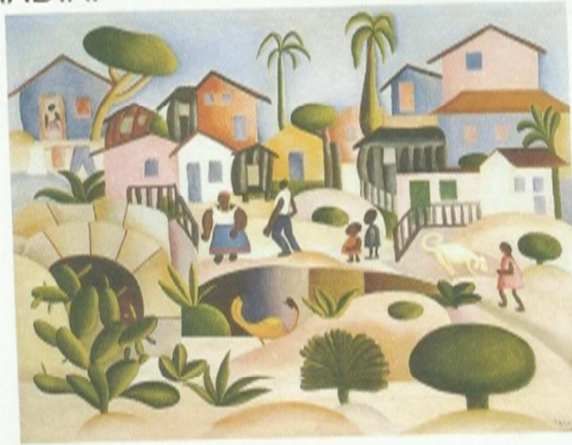
FAMÍLIAS E FAMÍLIAS.



Alfabetizador(a): Procure refletir sobre o assunto com os alfabetizandos: filhos naturais, filhos adotivos, etc.

CAPÍTULO 3

ESTA OBRA É DE TARSILA DO AMARAL E RETRATA ALGUNS TIPOS DE MORADIA.



AMARAL, Tarsila do. **Morro da favela**. 1924. 1 óleo sobre tela. 64 cm x 76 cm. Rio de Janeiro: Coleção Sérgio Fader.



ESCREVA UM TEXTO INSPIRADO NESSA TELA.
